

Gil Heitor Cortesão

Lost Summer

6 de junho–26 de julho, 2014

TEMPOS LIVRES

Tentativa de aproximação à dimensão escatológica
da pintura de Gil Heitor Cortesão

Entre 1964 e 1982, David Hockney produziu uma série de trabalhos que tinham como elemento unificador a piscina, sendo esta estrutura aqui entendida enquanto símbolo de um estilo de vida associado a uma imagem de sucesso quer social, quer material. Através da contínua representação desse tipo de elementos arquitectónicos, o artista procurou resolver questões relacionadas não só com o modo de representar a superfície e o movimento da água, mas também com a tentativa de superação, num mesmo plano, da dicotomia abstracção/figuração. Esse conjunto de obras tem origem na Califórnia, destino favorito do pintor depois de terminar, em 1962, o seu curso no londrino Royal College of Art. É naquela geografia do oeste americano que começavam então a proliferar as piscinas privadas, lugares onde se cumprem inúmeras fantasias, geralmente associadas a uma sociedade de consumos e excessos.

A piscina pode ainda ser associada a uma morte violenta, sendo neste caso exemplar o fim de Gatsby, no romance de Fitzgerald: “Havia um ténue, quase imperceptível, movimento à superfície da água, provocado pelo fluxo frio do alimentador que procurava o seu caminho em direcção ao dreno do outro lado da piscina. Com ligeiras ondulações que mais pareciam sombras de ondas, o colchão lastrado movia-se irregularmente para o fundo da piscina. Um pequeno golpe de vento, que mal enrugou a superfície da água, foi o suficiente para perturbar a rota accidental, que ele percorria com a sua accidental carga. O impacto de um molho de folhas revolveu-o lentamente, desenhando, como se fosse um sinal de trânsito, um fino círculo vermelho na água.” Na arte, este motivo, o da morte numa piscina, serviu para Michael Elmgreen e Ingar Dragset criarem recentemente a instalação *Death of a Collector* (2009).

Há uma pintura de Hockney que interessa particularmente para uma aproximação à actual exposição de Gil Heitor Cortesão, *Lost Summer*. Trata-se de *A Bigger Splash* (1967), um trabalho no qual se observa o exacto instante em que algo ou alguém acaba de mergulhar na água, vendo-se à superfície o líquido que se elevou para o ar na sequência dessa acção. A representação obtida pelo artista resulta suficientemente enigmática para deslocar o centro da atenção daquilo que seria a mera representação de um cenário tipicamente californiano – uma casa de um único piso, com duas palmeiras, uma cadeira de realizador e uma piscina – para uma obra a partir da qual é possível reflectir acerca da suspensão de um instante através da pintura. É o próprio Hockney que fala do tempo gasto – duas semanas – em pintar algo cuja duração real não ultrapassa os dois segundos, referindo ainda o prazer colocado nessa minuciosa tarefa, a de representar um “splash” apropriado de uma imagem publicitária da época.

Gil Heitor Cortesão há muito que também se interessa por piscinas – no caso das suas obras, pelo menos desde 2002 –, casas e interiores, sejam eles públicos ou privados. Pode ainda afirmar-se que as situações representadas nos seus trabalhos tendem para o estado líquido, ou seja,

é como se a realidade fosse subjugada à própria pintura e esta acabasse por contaminá-la até à sua irremediável corrosão. Por tudo isto talvez não seja exagerado afirmar que esta é uma obra acerca dos fins dos tempos, escatológica, portanto. A forma como o artista aplica as tintas sobre a superfície de cada trabalho – deixando-a escorrer, dela se servindo para formar manchas, ou ainda utilizando-a para criar zonas de grande turbulência cromática –, reforça a ideia de que a imagem representada está em vias de desaparecer, tal é a sensação de vertigem transmitida por esta dimensão aquosa visível em quase todas as criações do pintor.

A escolha de Gil Heitor Cortesão em pintar não sobre tela, madeira ou outra superfície mais comumente utilizada pelos artistas que trabalham com o mesmo meio, mas de preferir antes empregar o acrílico, um material transparente, serve-lhe também para reforçar a dimensão líquida que emerge dos seus trabalhos. Aquilo que vê o espectador é quase sempre uma imagem pintada por detrás do acrílico: a parte exterior, a mais próxima do observador, nunca foi tocada pela tinta e esta, em circunstâncias normais, nunca será tocada pelo público, protegida que está por essa membrana, simultaneamente transparente e opaca, frente e verso, princípio e fim de cada instante ali representado. A ideia de Francis Bacon em colocar um vidro diante das suas pinturas, uma forma de simultaneamente distanciar e aproximar o espectador da obra, pode ser aqui convocada, pois, no caso de Gil Heitor Cortesão, a opção pelo acrílico parece situar-se mais na vontade do artista em questionar o próprio estatuto da imagem e a sua pretensão desta se constituir como absoluta verdade – daí o facto das suas representações estarem no limiar da decomposição, como se delas já não fosse possível extrair mais nada a não ser a visão da sua implosão.

Lost Summer é uma exposição formada por cinco trabalhos de consideráveis dimensões, sendo que um deles é um tríptico. Aquilo que os une é a presença de uma piscina ou de situações que a ela se associam. Contudo, ao contrário de David Hockney, que as pintava enquanto símbolos de uma vida desafogada associada a certos luxos, Gil Heitor Cortesão revela-nos antes o espaço público, massificado, que também por esses anos começava a surgir no mundo ocidental – as imagens das quais o artista se apropria são retiradas de revistas de meados do século passado, certamente publicadas no pós-II Guerra Mundial. É da ocupação dos “tempos livres” que tratam estas obras, mas as representações agora visíveis transportam consigo algo de aterrador: figurações de um passado que nunca chegou a ser o nosso, se é que alguma vez o foi de alguém, os trabalhos expostos, nos seus múltiplos desdobramentos, revelam sobretudo o imenso vazio da sociedade de consumo: “Num sistema em que o pleno emprego em si se tornou num ideal, os tempos livres constituem vagamente uma continuação do trabalho”, escrevia certamente Theodor W. Adorno no seu ensaio *Tempos Livres*.

O assunto de Gil Heitor Cortesão é também a história da pintura, a ela se referindo de forma directa em *Déjeuner sous l'herbe*, uma evocação de Édouard Manet, que nos convida a ir de encontro à natureza e dela fruir sem nenhum constrangimento, e noutros casos prestando subtis e porventura involuntárias homenagens a outros autores, como são os casos de Seurat, Bacon, Klein e Polke. Lido à luz do presente, *Lost Summer*, título que contém em si ressonâncias proustianas, traduz um mal-estar que já não é só o do tédio associado aos “tempos livres” de um passado recente, mas também o do vazio posterior ao 11 de Setembro de 2001. Todas as obras visíveis na exposição transportam consigo essa corrosão, essa bipolaridade, essa contínua queda que desde então não nos deixa de habitar. Um enorme *splash* que nos chega de todos os lados, como uma grande massa de gelo que aos poucos se vai aproximando dos nossos Verões, perdidos na beira de uma piscina, a olhar uns para os outros.

Óscar Faria